Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

Universidade Estadual da Bahia (UNEB) – Campus XXIII-Seabra

Campus Avançado da Chapada Diamantina

Programa de Pós-graduação em Modelagem em Ciências da Terra e do Ambiente

Mestrado Profissional em Rede Nacional de Ensino das Ciências Ambientais

TV UNEB Seabra

BOLETIM COVID-19 CHAPADA DIAMANTINA

Boletim Informativo nº 05

Produzido entre Natal/2020 – Ano Novo/2021
Ano Pandêmico Covid-19

APRESENTAÇÃO

A publicação do Boletim Informativo sobre a pandemia do Coronavírus no Território da Chapada Diamantina é uma ação realizada pelo Campus Avançado da Chapada Diamantina - CACD, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Programa de Pós Graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais – PROFCIAMB/UEFS e Programa de Pós-graduação em Modelagem em Ciências da Terra e do Ambiente – PPGM/UEFS, apoiado pela Universidade Estadual da Bahia, através da TV UNEB Seabra, pertencente ao Campus XXVIII. Juntas, a UNEB e a UEFS realizam ações de combate à pandemia na Chapada e veem agregando parcerias, que envolvem COVID19Municipio, Papo COVID Chapada e Projeto PROVIDAS. A distribuição de Protetores Faciais já atendeu completamente Lençóis (196), Abaíra (100), Andaraí (80) e Novo Horizonte (196), e em parceria/trocas com o IFBa Seabra, a cidade de mesmo nome, e continuam disponíveis algumas unidades.

Os dados coletados para esta análise são secundários, esse Boletim tem o objetivo de apresenta-lo de forma clara a qualquer leitor. As fontes utilizadas são:

a) Boletins epidemiológicos municipais na coleta do número de casos acumulados, ativos, descartados, óbitos e testagem;

b) Secretaria de Saúde da Bahia, na coleta de dados de gênero, cor e faixa etária além de dados municipais com boletins inacessíveis;

c) Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, dados demográficos;

d) Portal GEOCOVID-19, disponível em http://portalcovid19.uefs.br/, histórico e projeção das curvas ativas dos municípios;

e) Plataforma Farol COVID, disponível em https://farolcovid.coronacidades.org/, avaliação da taxa de isolamento local;

Este boletim traz a situação e possíveis projeções da COVID-19 na Chapada Diamantina, considerando os 25 municípios do território de identidade, respeitando as duas fontes consultadas: a SEPLAN/BA e o IBGE.

No mês de Outubro/Novembro ocorreu o aumento da circulação nacional, estadual e municipal, devido à liberação dos transportes rodoviários intermunicipais, à reabertura das principais cidades turísticas (Mucugê 01/09, Lençóis e Andaraí 01/10); e, recentemente, as eleições municipais com circulação distrital e de equipes de campanha, geralmente advindas dos grandes centros do Estado.

Essas aglomerações mostram, agora, seus efeitos pandêmicos - elas ultrapassam a redução de testagem com ampliação da subnotificação, que ocorreu na maioria dos

municípios - apresentam o PICO da Covid–19 na região, com tendências de aumento de contágio, adoecimento e colapsos, exigindo medidas drásticas que impeçam aglomerações no Natal e no Ano Novo.

Estes efeitos tendem a continuar acelerando. O deslocamento turístico continua ocorrendo e vetores de contágio entre áreas com diferentes níveis de contaminação exigem controle estreito, máscaras e testagens.

Dezembro trouxe o início dos óbitos e um ritmo forte de pessoas adoecidas. Infelizmente, a tendência, é que a Chapada Diamantina viva a segunda onda, sem ter concluído ou iniciado a primeira.

A perspectiva é que se amplie a negação com as notícias de vacinas. Voltar atrás, pós-flexibilização, é bastante difícil.

Um momento delicado, conhecido na Chapada, é quando **descendo uma parede de escalada; cansados, o risco do acidente se amplifica pelo descuido**. Estamos neste ponto, **a população Chapadeira e seus gestores precisam ter atenção**, para que o fim de 2020 - início de 2021, não mostre a força da Covid-19 que, até o momento, desconheciam os Chapadeiros.

BOA LEITURA !

NOTAS:

1. Entre a Secretaria de Saúde da Bahia (SESAB) e as Secretarias Municipais de Saúde (SMS), pode ocorrer pequenas variações provocadas pelo número Sistema Único de Saúde (SUS). As SMS registram os dados do Município em seus boletins. Na SESAB, os casos são lançados no Município gerador do SUS, realocando-os, independente do local de realização da testagem. Esta variação cria pequenas diferenças entre os números apresentados sem interferir nas análises.

2. As análises foram adaptadas para facilitar a compreensão da propagação regional. Assim:
   a) Coeficientes por população referem a 1000 (mil) habitantes. Análises comparativas exigem multiplicação por 10 (dez) ou 100 (cem), de acordo com a referência a ser comparada.
   b) Os mapas evoluem temporalmente no território. Assim importa **observar a faixa numérica da legenda** que a cada Boletim, frente a variação, da unidade ao máximo municipal do Território, até aqui, neste 2020, Seabra. No entorno existem outras faixas, distribuídas: Valor Seabra+1 ate próximo milhar, sucessivamente.

3. Conceitos:
   a) Coeficiente de Incidência (CI) ou Incidência: Número de casos por mil habitantes. Estima o risco da população desenvolver a doença e monitora o seu comportamento no espaço-tempo, sem incluir variáveis de erro para assintomáticos. Dependente das condições técnicas e operacionais para detecção, notificação e confirmação dos casos.

$$\text{Coef. de Incidência} = \frac{\text{Número de casos } \textbf{registrados} \text{ pelo } \textbf{município}}{\text{População do último censo demográfico}} \text{ x } 1000$$

   b) Índice de letalidade (IL): Possibilidade de mortes, expressa em mil habitantes, em relação à quantidade de casos infectados por ela.

$$\text{IL} = \frac{\text{Número de óbitos}}{\textit{Número de casos registrados pelo Município}} \text{ x } 1000$$

   c) Casos confirmados: Total de pessoas testadas e positivadas. Reúne casos ativos e “curados”.
   d) Casos ativos: Pessoas testadas e positivas em fase de contaminação/recuperação, sintomáticas ou assintomáticas. Destaque-se em princípio que, no Brasil, a metodologia de combate utiliza poucos testes, então:
      1) A testagem está sendo realizada exclusivamente em casos sintomáticos - algumas municípios, detectaram alta taxa de assintomáticos – possibilidade a ser avaliada, onde há baixa taxa de testagem.
      2) Aqueles que tiveram contato com POSITIVOS, são considerados “possíveis contaminados” e orientados ao isolamento. Pode ocorrer contaminação não detectada se houver desrespeito ao isolamento. A não testagem implica riscos internos e externos.

CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A SITUAÇÃO GERAL DO TERRITÓRIO

Desde a última publicação do Boletim COVID- 19 Chapada Diamantina, há cerca de dois meses, tanto regional quanto municipalmente, houve alterações diversas na proliferação da COVID-19. Percebe-se que o cansaço da população pelas restrições e as eleições municipais foram relevantes no relaxamento dos protocolos de cuidados acompanhados de certa negação da pandemia, também incentivadas por candidatos e pelos meios de comunicação. Nos núcleos turísticos, de diversas formas, comerciantes e empresários enfrentaram as restrições, judicializaram regras sanitárias, assaltados pelo pânico da ausência de recursos, e submeteram-se a um turismo, antes renegado, de baixa qualidade, sem cuidados higiênicos ou ambientais, raramente utilizando máscaras (proteção mínima obrigatória).

Entende-se que a pandemia gerou mudanças profundas em nossos hábitos culturais, ainda mais agravado com a campanha eleitoral de 2020; mas, mesmo assim, o desvio ou descumprimento dos protocolos de higiene trazem grandes riscos, as vezes mal calculados. Hoje, mostram suas garras e resultados em um número crescente de doentes e, consequentemente, de óbitos entre amigos e familiares, assustando – pela primeira vez de forma concreta – a população da Chapada Diamantina e, nos espaços turísticos, fazendo adoecer os empregados do setor hoteleiro e os guias.

A contenção de contágio e o retardo da chegada do Coronavírus à Chapada, que variou de 4 a 8 meses, foram muito efetivas, relacionando-se à imediata ação – integrada - entre Municípios e Estado no isolamento e aplicação de medidas restritivas (barreiras) na região.

Assim, relaxamento e reabertura começaram a ser traçados, com cuidado. Mas foram atropelados por uma economia dificultada, pela necessidade de sobrevivência, que em pontos diferentes da linha, uniu empregados e patrões, pressão por sobrevivência e ameaças do governo federal quanto a retirada dos apoios mínimos, conseguidos pelos deputados e senadores comprometidos com a população que representam.

A vitória sanitária foi aproveitada por alguns para reforço de compreensões incorretas, alinhadas ao “negacionismo”, incluindo a afirmação que as “energias” da Chapada traziam uma proteção diferenciada na região; creditando, irresponsavelmente, o baixo número de casos às tais “energias” do espaço geográfico, às serras, e não ao bloqueio consciente e responsável de circulação.

A abertura torna-se descuidada na sua aplicação, e restrições são suspensas ou desobedecidas pela justiça. Este cenário promoveu um somatório entre a onda que ainda estava chegando – ou nem ia chegar à região - e a segunda, já instalada em países que pareciam livres (adiantadas pelo processo eleitoral nos grandes centros brasileiros).

O Sars-cov–2, vírus da Covid-19, começou a mudar de nome, sofre/u mutações diversas, naturais, e amplia a intensidade de contágio, avisando da necessidade da região se restringir para não ser arrasada, posto que a reabertura se fundou em dados subnotificados, em paralizações de testagem, e não na realidade.

A pergunta neste fechamento de ano – algo desastroso – para uma Chapada que tinha certa tranquilidade na pandemia é: **como retomar o momento anterior à restrição e sobreviver? Como voltar a enfrentar, com novos gestores, um longo ano pandêmico que teima em não obedecer ao calendário?**

Isto precisa ser rápido numa região que, frente a realidade imediata, desistiu do preparo para um pico, contra todos os avisos. **Descemos a serra rápido demais e descuidadamente**, e as pedras no caminho começaram a se soltar. Como voltar a descer cuidadosamente, para não rolar e promover acidentes?

Neste décimo mês de pandemia na Bahia o estado colhe o efeito da promoção, no oitavo mês, do relaxamento nas medidas de prevenção e enfrentamento ao coronavirus, entre as quais, atingiu a Chapada, a liberação da circulação de transportes rodoviários. O Laboratório Central (LACEN) que ficou com grande capacidade ociosa em todo mês de outubro e novembro, viu subir exponencialmente a testagem, em dezembro, ameaçando a ampliação da capacidade que foi realizada e confirmando ou reforçando as. denúncias de paralização de testes e registros, em função das eleições.

Aqui, um parêntese: esta situação é de co-responsabilidade entre todos os poderes do Estado (judiciário, legislativo, executivo) e em todas as esferas (nacional, estadual e municipal). A maioria fez ouvidos "surdos" aos pedidos das suas áreas de Saúde, embasadas na Ciência e na Pesquisa.

As eleições foram mantidas com liberação de Campanhas e sem punições a ausência de máscaras e aglomerações, incluso com apoio da seguridade pública - em obediência aos seus mandantes - o que envolve os 3 poderes já que, @s candidat@s são do Legislativo e do Executivo Municipais; e o Judiciário, o controlador do pleito.

Também não se deve esquecer de perguntar: para onde foi a cidadania? Afinal as campanhas continuam exaustivamente avisando, mas muitos chapadeiros foram às ruas apoiar seus candidatos, suas carreatas-comícios.

Em dezembro, começam a ocorrer, na Chapada, colapsos de rede, já ocorridos em seu entorno, do laboratório aos hospitais. Há alguns meses, o Hospital Regional da Chapada, em Seabra, esteve com graves problemas de pagamento de salários dos funcionários, o que ainda faz sofrer as equipes de saúde e inviabilizam atendimento, deixando a região sem o apoio insuficiente que tinha. A situação passa a pesar na rede estadual e obriga a deslocamentos, por regulação, a áreas mais contaminadas. As pessoas doentes vão para áreas onde serão, apenas, mais um solitário desconhecido, favorecendo a depressão que dificulta a resistência a COVID.

Nosso Boletim alterou a sua estrutura e periodicidade mediante a necessidade de apresentar dados novos, frente a baixa modificação do território, até fins de novembro, algo falseadas pela paralisação e sub-notificação ocorridas e já comentadas. Em dezembro, buscamos entender os saltos gigantescos que ocorreram e estivemos também abalados, com o observado e suas perspectivas, precisávamos coragem para continuar.

O próximo Boletim continuará com espectro mensal ou mesmo bimensal, sendo apresentado, provavelmente, em fins de janeiro/fevereiro, posto que a equipe de trabalho já de férias, começa a retornar em meados de janeiro, afinal, nossas famílias e amigos, também precisam de nosso olhar.

Este número, terá uma apresentação com a análise geral e comparativa no Brasil, na Bahia e na região, informações recentes do desenvolvimento da pandemia, e algo "histórico-temporais" entre os boletins anteriores, até a situação atual. A análise município a município foi feita por grupos similares, em relação a pandemia, e não separadamente.

Desejamos dar uma visão do Ano Pandêmico, para a Chapada um semestre de Boletins, desde a decisão de produzi-los, complementares ao Papo Covid na Chapada, e fortemente voltado a população leitora e gestore(a)s.

ALGUMAS QUESTÕES QUE NÃO QUEREM CALAR

No Boletim nº 04, trouxemos o item “Algumas questões que não querem calar”, apresentando questionamentos sobre a testagem no Território da Chapada Diamantina. Por que os municípios chapadeiros não realizaram a testagem em massa? Falta de material? Falta de transportes, falta de interesse? Era medo de provocar mudança na data das eleições? Nem todas essas perguntas são passíveis de respostas generalizadas, nem mesmo respostas simplistas que desconsiderem a complexidade de cada uma delas e dos 25 municípios envolvidos.

Analisando os dados, percebe-se que a maioria dos municípios realizou testagem massiva com a chegada da pandemia no Território, algo importante e constantemente destacado como fundamental e responsável pelas baixas taxas pandêmicas observadas até outubro, passado recente. O período eleitoral apresentou uma queda brusca na testagem e na busca ativa de casos. No Papo Covid na Chapada, do dia 11 de novembro, a senhorita Gisela Andrade, responsável pelo Comitê de Enfrentamento à COVID-19 em Lençóis, trouxe uma realidade muito mais conflitante: os munícipes não recorreram aos testes rápidos disponíveis na Secretaria de Saúde, nem ao aconselhamento profissional/ ajuda médica neste período.

A Enfermeira Elaina Moraes, apoiadora institucional do Núcleo Regional de Saúde Centro Leste - NRSCL/Itaberaba, no Papo Covid, de 02 de dezembro, reitera a fala de Gisela. Então, houve o receio de fazer teste e o resultado impedir o comparecimento às urnas em 15 de novembro? Falta de solidariedade e responsabilidade cidadã com os outros, para garantir o cumprimento do dever cidadão com suas opções políticas, ou “amig@s” candidat@s? Seria a eminência de uma corrente ideológica referente a não existência do vírus ou a sua menor letalidade ou expansão na Chapada? Com poucas mortes/sintomas mais graves? Seria esta a suposta normalidade, na Chapada, e outras regiões interiores baianas, derivadas, sobretudo, do cansaço do isolamento?

Em resumo, podemos dizer que ocorreu uma grande variação na situação epidêmica, nos últimos 90 dias. As principais foram: paralizações nos números de casos e óbitos, seguidos de aumentos exagerados, que refletem variações de testagem de quase nulas a maior índice da pandemia.

Isto resulta em mais questionamentos: a abertura das cidades para o turismo e as festas deste fim de ano deverão alavancar o pico epidêmico? Os municípios suportarão novos períodos de restrição, ainda mais intensos? Com a aceleração de casos, aparecimento de óbitos em cidades anteriormente estáveis, como não proibir festas e aglomerações? Como delinear a situação pandêmica neste período de festas? Os reflexos das eleições – aglomerações ocasionadas em carreatas, influenciadas por candidatos à prefeitura e à vereança ou no próprio ato de voto no processo democrático de direito – já estão se manifestando desde 31 de outubro, quando a quantidade de casos oficiais passou a aumentar de forma mais rápida.

Portanto, **ações a serem adotadas pelos gestores e executadas ou realizadas pela população possuem um caráter decisivo para retomar certo controle epidemiológico da região**, não só para o fim de 2020 e suas festividades turísticas, mas para o período de férias de janeiro em 2021, também! Adiante algumas pistas e sugestões para a população e para planejamento d@s nov@s gestores 21-24, pois é deles/as agora, a responsabilidade de cuidar da população Chapadeira. **Esperamos que este Boletim possa ajuda-l@s no desafio de continuar com a proteção dos munícipes que, democraticamente, @ elegeram.**

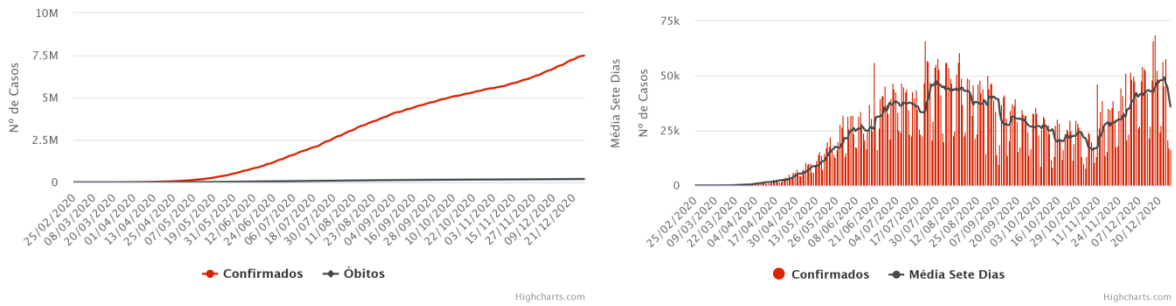
O QUE ESTÁ ACONTECENDO NA BAHIA E NO BRASIL?

Até o dia 27 de dezembro, o Brasil atingiu a marca de 7.486.211 casos confirmados (acréscimo de cerca de 650 mil adoentados entre os últimos 15 a 21 dias) e 191.223 óbitos, com um índice de letalidade de 2,55% (inferior ao Boletim nº 03 – 2,92% - em quatro casas decimais), um recuo razoável, que mostra o quando pretendemos lidar com a doença, especialmente nos grandes centros urbanos.

O Gráfico 1 adiante, apresenta duas curvas: a primeira indica o número de casos acumulados, que continua se manifestando de modo ascendente. Nela, o importante é a inclinação da linha em relação a horizontal, quanto mais próxima a vertical, maior a contaminação. A horizontal significará que não temos mais contaminação. A inclinação da curva, no mês passado, estava um pouco menor, mais suave, levando-nos a crer numa tendência à redução na velocidade de contágio, ou seja, numa menor quantidade de casos por dia. A observada em dezembro, entretanto, sugere uma situação adversa: velocidade de crescimento de casos acumulados revela aceleração em todas as regiões, em interiores e em áreas mais populosas, como capitais e áreas metropolitanas, especialmente aquelas que, já tinham atravessado a primeira onda.

Gráfico 1 – (a) Casos Acumulados no Brasil, à esquerda, encontra-se ainda mais ascendente; e (b) Curva Epidêmica (ativos), à direita, com tendência de subida, apresentando uma segunda onda, com platô na última média, sem permitir definição.

a b



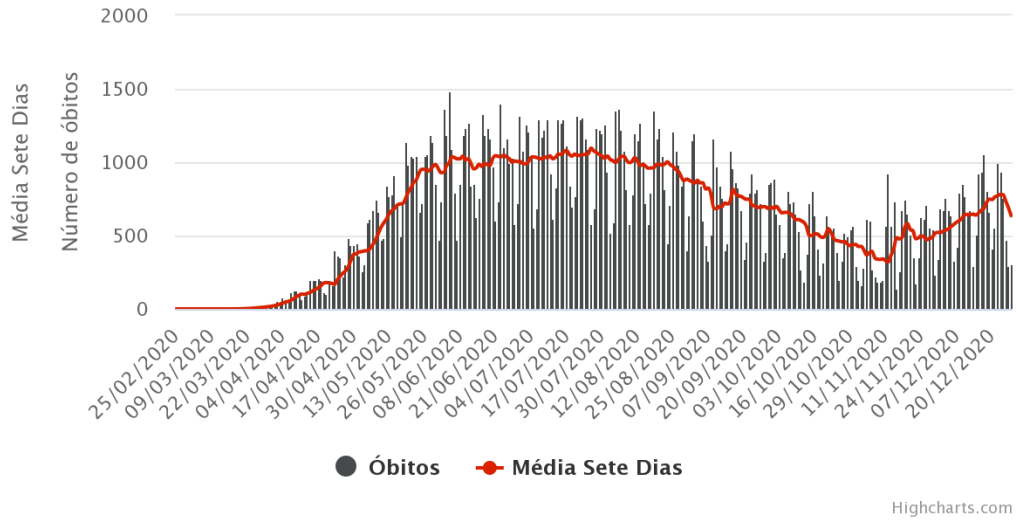
FONTE: GeoCovid (27/12/2020)

A Curva Epidêmica (casos/dia - Figura 1 b), pontua o número de casos ativos, em médias semanais. Esta curva, em especial, sinaliza que já tivemos uma série de picos, que vinham diminuindo de julho/agosto até outubro, formando a primeira onda. Os últimos picos, desde 29/10, não por acaso, 15 dias após o início das campanhas eleitorais, ainda que em mantidas flutuações, ascendem, definindo uma segunda onda.

Esta é uma indicação que a quantidade de pessoas acometidas pelo COVID-19 na média semanal, está aumentando, em especial nas grandes capitais. O pico que se forma neste momento, tem média em 46.748 pessoas, superior aos dados que remetem ao mês de Julho/Agosto, maior pico anterior e indicador da primeira onda. Comparando os dois picos de media, o maior número da primeira onda e o atual, temos um aumento de 3.282 pessoas adoecidas, hoje. Entre eles ocorre uma oscilação com redução de picos contínua, que indica que não fomos precavidos na saída da primeira onda. A grande quantidade de “picos” que compõe cada onda parece refletir duas questões: a incorreção do processo de relaxamento sucessivo e o erro da manutenção do processo eleitoral com campanhas liberadas para rua.

Se tomarmos o número de óbitos (Gráfico 2), este padrão tende a se repetir. A partir de 11/11, observamos uma ascensão acentuada de óbitos/dia, apesar de aparentemente ainda não ter retornado a letalidade anteriores, o que pode ser resultado do maior conhecimento acumulado sobre o trato medico e sanitário com a doença. A nossa preocupação prossegue.

Gráfico 2 – Óbitos no Brasil, média de sete dias, observe pico em meados de novembro- claro reflexo da campanha eleitoral que terá leve rebaixamento com restrições imposta logo após o segundo turno, mas continua em ascensão em todo dezembro, já alcançando a média dos 1000 mortos.



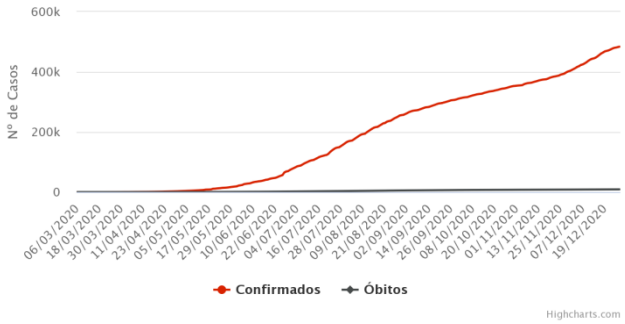
FONTE: GeoCovid (27/12/2020)

A Bahia permanece sendo o terceiro Estado brasileiro no incremento das estatísticas nacionais, apresentando 483.737 casos confirmados e 9.011 óbitos (1.603 a mais do que o Boletim nº 04), com uma taxa de letalidade de 1,86%. As cidades com maior registro de casos continuam sendo Salvador, Feira de Santana, Itabuna, Vitória da Conquista e Lauro de Freitas. Temos, aqui, as maiores densidades populacionais, circulação humana e fluxos comerciais baianos. Entre as grandes cidades que cercam a Chapada, Barreiras e Brumado estão em 11° e 19° lugares, enquanto Itaberaba ocupa o 21°, com 2.897casos, e Irecê o 14° posto, posições que saltaram desde a última análise regional deste Boletim. Enquanto isso, Seabra, núcleo populacional do Território, ocupa a 36ª posição no Estado, com 1.755 casos, e a primeira posição na Chapada, seguida por Morro do Chapéu (80ª posição estadual – 956 casos).

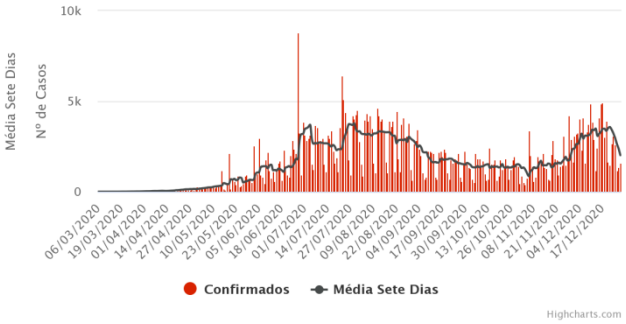
O Gráfico 3 traz as curvas de casos acumulados e ativos no Estado da Bahia, apresentando semelhanças com as do cenário nacional, com velocidade de contaminação em maior aceleração, portanto tendência ao maior ângulo, o que indica a maior ocorrência de novos casos. O Gráfico 3b, corrobora com a interpretação e reforça, via médias semanais, que estaremos enfrentando uma onda com maior amplitude do que a anterior, já com números médios de casos ativos entre iguais a maiores. O platô parece estar sustentado pela flexibilização, reabertura de comércio e pelo espalhamento final sobre o estado, com subida em todas as cidades – mesmo as menores que 20 mil habitantes - dado sugestivo que acusa as aglomerações advindas do processo eleitoral em todo o cenário estadual.

Gráfico 3 – (a) Casos Acumulados na Bahia, à esquerda, ainda mais ascendente; com forte angulação; e (b) Curva Epidêmica (ativos), à direita, com tendência de novos platôs.

a



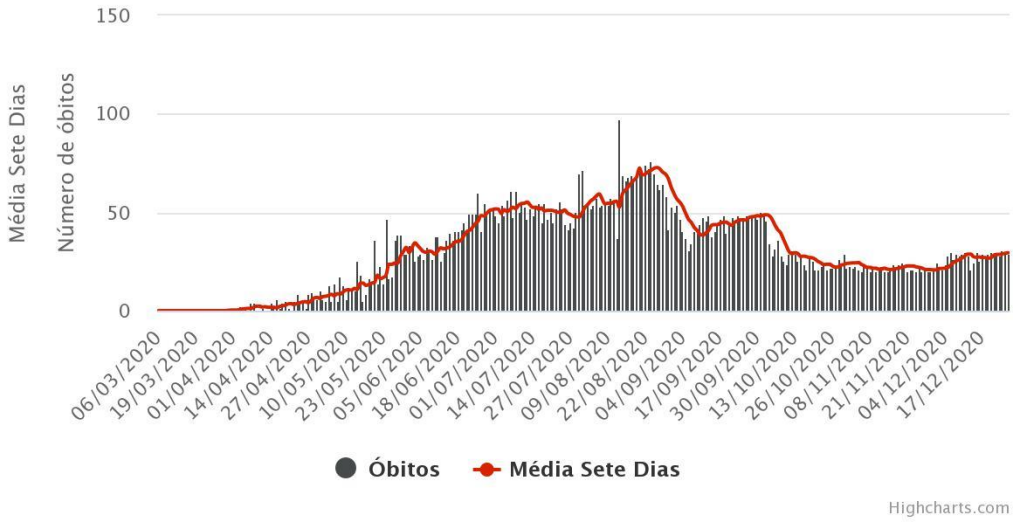
b



FONTE: GeoCovid 27/12

O gráfico 4, média semanal de óbitos do Estado, traz informações menos duras que aquelas observadas para o Brasil. É necessário cautela na análise frente a acentuada e acelerada contaminação, que indica aumento nos próximos 14 dias. Com uma taxa de letalidade mais baixa que a nacional em pouco mais que 6 décimos percentuais, a média de óbitos, hoje, está abaixo de 50% (metade) do máximo observado. Tanto pode significar atraso de informação ou não visibilização – ainda – da aceleração de casos, ou mais efetivo e antecipado tratamento, que reduz a letalidade.

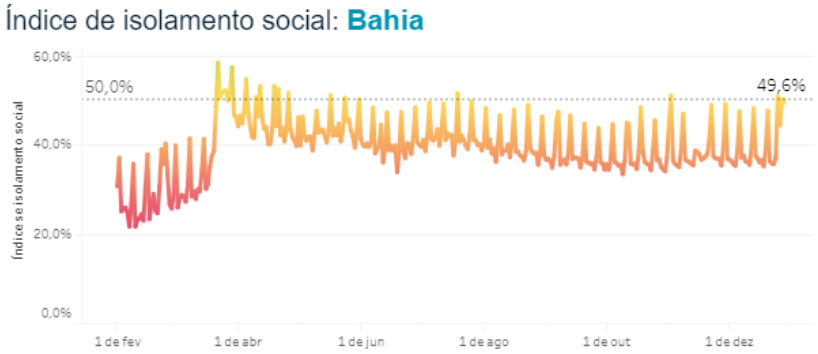
Gráfico 4 – Óbitos na Bahia, observe ao oposto do Brasil (Gráfico 2), ocorrência de platô resistente é a resposta aos relaxamentos, com pico início de dezembro e ascenso claro, apesar de suave, atual.



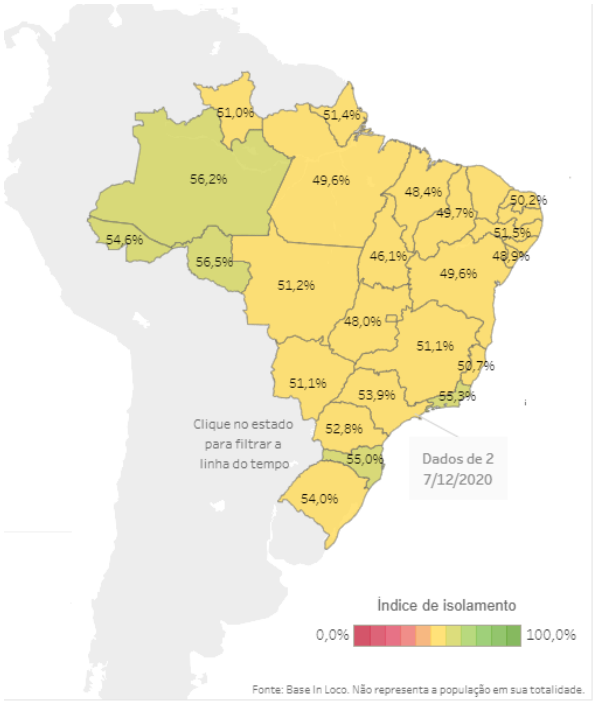
FONTE: GeoCovid 27/12/2020

O resistente platô de óbitos e a segunda nova onda com número de contaminados em constante aceleração podem ser explicados pelo disposto na figura 1. A taxa de distanciamento social na Bahia segue variando no decorrer do mês, embora o menor percentual atual remeta ao do domingo eleitoral, de 36%. O Estado ocupa a 21ª posição nesta variável (41%) dentro no ranking nacional, sendo referência de baixos índices, o que frente a demanda turística, parece difícil de melhorar, seja em Salvador, na costa ou na Chapada. Pela estatística estadual, a tendência do isolamento é seguir em platô, apesar de certo esforço das gestões, em especial dos centros urbanos. Neste momento, as médias acima de 50% no Brasil correspondem a região Norte, pela ordem: Rondônia (56,5%), Amazonas (56,2%) e Acre (54,6%).

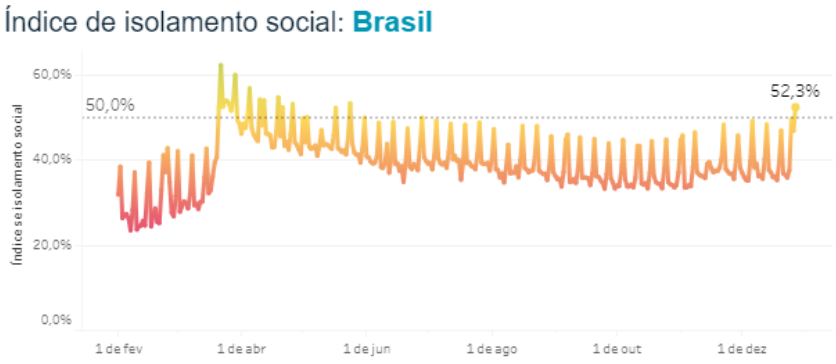
Figura 1 - Distanciamento físico-social em: a) Bahia, com tendência de platô e pequeno aumento, após queda do domingo eleitoral; b) índices do Brasil em 26/12/2020; c) Brasil, em curva semelhante a baiana, apesar de 2 pontos percentuais abaixo, neste fim de ano. Site consultado em 27/12, às 12:02h. Avaliação: 27/12/2020.



a.



b.



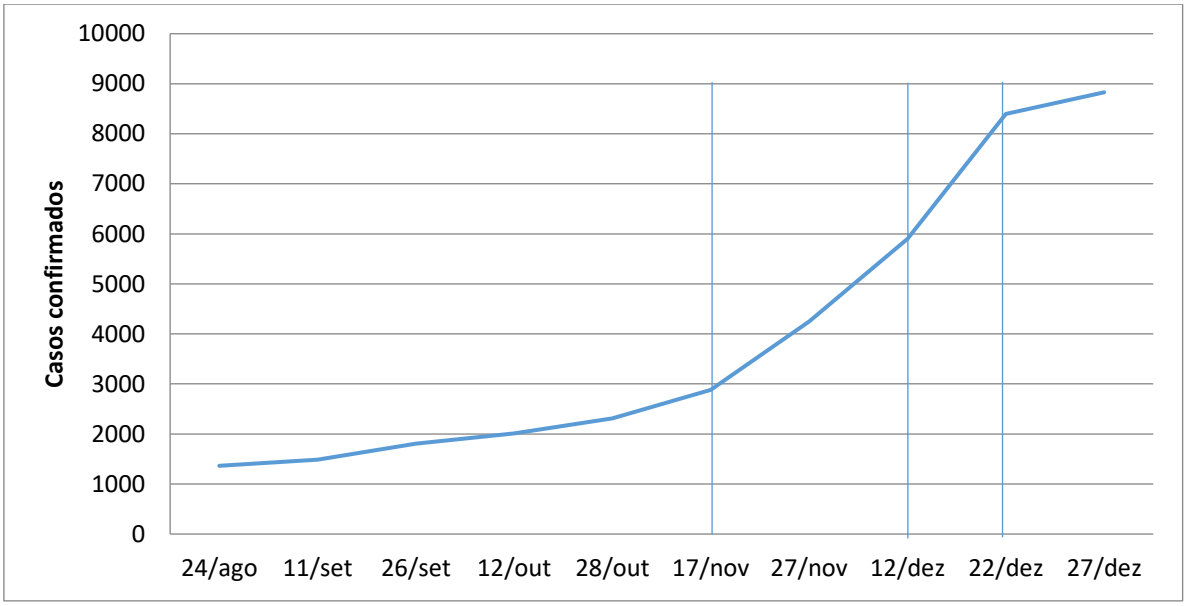
c.

FONTE: https://public.tableau.com/profile/inloco.tableau#!/vizhome/MKTScoredeisolamentosocial/VisoGeral

RETROSPECTIVA DOS BOLETINS: A Chapada e a pandemia.

Os Gráfico 5 e a Tabela 1, abaixo auxiliam no entendimento para uma breve retrospectiva dos meses anteriores, fazendo um recorte entre 24 de Agosto (data do Boletim Informativo nº 01) e 27 de Dezembro. O Gráfico 4 ilustra a curva de casos confirmados no Território da Chapada Diamantina, com sete pontos plotados e destaque para quatro momentos distintos:

Gráfico 5 – Casos confirmados na Chapada Diamantina entre 24 de Agosto (data Boletim Informativo nº 01) a 27 de Dezembro (atual)



Fonte: Boletins Covid-19 Chapada Diamantina 1,2,3,4 – Antunes et al, 2020

1. Entre 24 de Agosto a 17 de Novembro: Observamos que a curva do Gráfico 6 mostra-se ligeiramente estável, com pequena inclinação e pouco aumento de casos (total de 2879 pessoas com COVID-19). Até aqui, tínhamos uma baixa testagem, alguns municípios timidamente triaram e testaram a população local; outros, como Seabra e Morro do Chapéu, seguiram o procedimento de praxe. No final deste momento, temos a ocorrência das eleições municipais e antes dela, a retomada do turismo, com o argumento do baixo número de casos e poucos óbitos.
2. Entre 17 de Novembro a 12 de Dezembro: Os casos aumentaram numa proporção maior; acompanhado do incremento da testagem, apesar da variação que indica o efeito feriadão, com redução de testagem ocorrendo logo após. A logica desse período está indicada no Boletim nº 04 e tende a 50% de aumento, uma aceleração expressiva, que denuncia a suspensão da testagem no período eleitoral e anuncia a chegada da primeira onda, ou serão ambas e juntas, a frente. Ibicioara, Marcionílio Souza, Wagner e Itaeté aumentam a quantidade de casos numa proporção menor que os demais. A subida da curva continua sustentada por Seabra, Morro do Chapéu, Lençóis e Souto Soares, que juntos somam 3779 diagnósticos por COVID-

19. Isso mascara a proliferação do vírus em vários outros municípios do Território, que ainda registram alta taxa de subnotificação.

3. Momento atual: A quantidade de casos aumenta significativamente em todos os municípios, assim como a testagem a massa. São 2692 pacientes a mais do que o intervalo anterior, coeficiente de incidência regional de 19,93; 73 óbitos e letalidade de 0,9% (maior registro de toda a pandemia no Território, até o momento) consolida a indicação de chegada do período anterior. Após festas de fim de ano, analistas temem caos hospitalar ampliado, frente a ausência de letos, seja enfermaria, sejam UTI. O mês de janeiro de 2021, apresenta sérios riscos de falta de vagas para pacientes com qualquer tipo de doença ou trauma. A situação se agrava ainda mais quando constatamos o aumento do fluxo hospitalar no Estado da Bahia e a greve de médicos no Hospital Regional da Chapada. Sem infraestrutura e equipe de saúde suficientes para atendimento ou auxílio, a curva epidêmica continua subindo, com inclinação ainda mais forte do que os períodos anteriores.

Tabela 1. Casos por município na Chapada Diamantina, entre 24/08/2020 e 27/12/2020

Município	24/Ago	26/Set	28/Out	17/Nov	02/Dez	04/Dez	22/Dez	27/Dez	Incidência
Novo Horizonte	0	2	11	12	12	12	41	49	4,59
Barra da Estiva	7	17	65	146	290	287	658	726	34,27
Ibicoara	11	12	13	13	262	269	437	441	25,52
Jussiape	6	10	59	66	69	70	82	82	10,21
Piatã[3]	15	26	32	37	45	47	77	100	5,56
Andaraí	21	31	31	42	73	91	238	278	19,91
Abaíra	16	16	54	86	126	126	136	138	16,59
Rio de Contas	31	40	49	63	76	81	117	124	9,53
Palmeiras	20	22	22	30	31	32	87	94	11,18
Nova Redenção	36	46	46	46	66	78	123	127	15,81
Tapiramutá	117	140	140	148	185	185	185	185	11,2
Iraquara	194	207	229	249	453	549	787	793	35,09
Lençóis	126	157	174	161	240	270	430	459	44,27
Souto Soares	162	179	205	245	343	393	756	785	49,37
Morro do Chapéu	120	158	258	481	588	633	905	968	27,53
Itaeté	60	62	68	68	68	127	154	177	11,86
Mucugê	57	68	70	77	95	120	223	254	24,09
Seabra	167	366	471	541	767	917	1688	1755	41,99
Utinga	81	95	105	123	128	140	242	243	13,37
Wagner	15	21	32	35	43	47	66	66	7,35
Bonito	33	54	85	93	170	250	374	384	25,89
Marcionílio Souza	43	46	46	46	70	100	198	198	18,86
Iramaia	12	12	17	22	23	30	49	52	4,34
Ibitiara	9	9	13	25	77	134	193	201	12,96
Boninal	5	8	18	24	26	90	150	150	10,95
TOTAL	1364	1804	2313	2879	4326	5078	8396	8829	22,73
Variação (mensal) casos	440	473	566	1633 (27 dias)	1632 (23dias)				aceleração contágio
Variação (mensal) %	107,5%		119,66%	355,64%	223,70% (25 dias)				

FONTES: IBGE (2010), Boletins Epidemiológicos municipais (2020), Portal GEOCOVID-19 (2020)

Até o dia 27 de Dezembro, 8829 pessoas já foram contaminadas por coronavírus no Território, representando cerca de 2% da população chapadeira. A

Tabela 1 mostra a distribuição desses casos em cada um dos municípios, ao longo do tempo. Analisando-a, veremos que Seabra, Souto Soares, Barra da Estiva e Morro do Chapéu continuam apresentando a maior quantidade de casos no Território, fato constatado em todas as análises dos Boletins Informativos. Por outro lado, Novo Horizonte e Iramaia são os locais de menor número, que pode ser justificado, respectivamente, pela chegada recente do vírus na cidade e pelo índice de testagem oscilando entre médio a baixo. Nos últimos 15 dias, a quantidade de casos confirmados aumentou em 189%. Mais uma vez ressaltamos que apesar deste percentual parecer um número relativamente expressivo, esconde a proliferação real da doença no Território, que ocorre de forma ainda mais intensa e preocupante, quando observadas as variações em termos de percentuais mensais.

Observando a tabela 1 e o gráfico 5 acima, o conjunto de Municípios de maior incidência apresenta a dupla onda caracterizada e a marcação de pico conectado as eleições é comum a todos, apesar de em alguns casos os óbitos pertencerem a este segundo momento.

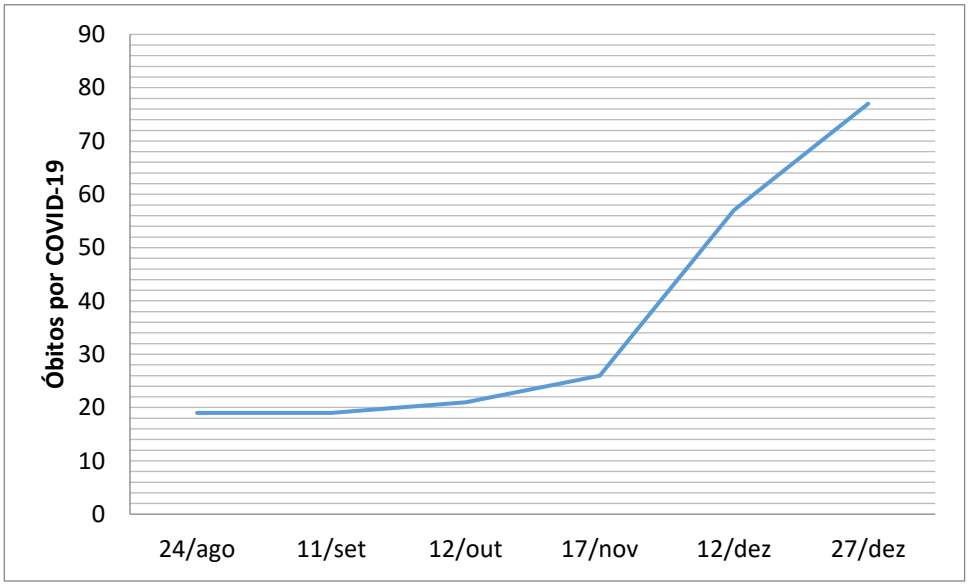
A média de incidência da Chapada Diamantina saiu de 4,41 casos/ 1000 habitantes, no mês de Setembro para 5,38 casos/ 1000 habitantes em Outubro, 7,42 casos/1000 habitantes na primeira quinzena de Novembro e 22,73 casos/1000 habitantes em 27 de Dezembro. Mais uma vez, destacam-se Lençóis, Seabra e Souto Soares, acima dos 10 casos por mil habitantes; lugares que, com exceção de Morro do Chapéu, apresentam maiores quantitativos de casos confirmados da região (Tabela 1). Iraquara reduz esta variável de controle, mas ainda assim, consegue estar à frente de boa parte dos municípios chapadeiros. A previsão, caso não haja intervenção é de aceleração de casos e óbitos, com as festas de Fim de Ano, já visível o efeito do Natal, quando se compara 22 a 27/12. **A taxa de contágio, neste momento circula em torno de 3,0, com tendência a subir.**

Até o presente momento, setenta e oito pessoas já faleceram (aumento expressivo de óbitos em relação ao mês anterior, que até o término da sua primeira quinzena, apresentava 26 óbitos). O Índice de letalidade territorial é 0,9%. A média do Território está abaixo da média do Estado e do Brasil, que continuam sendo cerca de 2 a 3 vezes maior, respectivamete.

O Gráfico 6 mostra a evolução do índice de letalidade na Chapada Diamantina, ao longo do tempo, e não por acaso tem aceleração em torno de 17 novembro. Os dados anteriores, integrados com o observado neste gráfico, apontam dias duros e tristes pela frente, pois a baixa letalidade é reflexo de período anterior, quando ainda

não se caracterizava o pico regional da Covid-19, junto com colapso hospitalar, atualmente a olhos vistos e forçando o deslocamento de chapadeiros adoecidos para centros mais contaminados, mas com rede hospitalar mais robusta, ou pior – o tratamento domiciliar que, em caso de agravamento, pode levar a morte antes que se consiga regulação e transporte.

Gráfico 6 – Óbitos por COVID-19 na Chapada Diamantina entre 24 de Agosto (data Boletim Informativo nº 01) a 27 de Dezembro (atual).



Fonte: Boletins Covid-19 Chapada Diamantina 1,2,3,4 – Antunes et al, 2020

Em todas as edições do Boletim Informativo, afirmamos que um dos melhores meios de evitar a proliferação da COVID-19 continua sendo o distanciamento físico-social. Ficar em casa ou manter-se afastado de pessoas que não fazem parte do círculo de convívio próximo, evita o adoecimento de dezenas (ou milhares) de munícipes, tardando a chegada do pico epidemiológico e auxiliando o preparo do sistema hospitalar da região.

Se este momento já passou para a Chapada e o retardo foi conseguido, até a irresponsabilidade coletiva do processo eleitoral, como mostram os gráficos. A manutenção do distanciamento e certo isolamento das cidades, até a chegada da vacina, ou arrefecimento do contágio, é a única forma de deter a aceleração detectada, aqui o dilema: **como ter a principal atividade econômica de janeiro-fevereiro, o turismo, e proteger a região? um debate para o Consórcio Chapada Forte enfrentar, urgentemente! Cujas soluções parecem envolver a solidariedade regional, e o senso de coletividade, todos juntos pela Chapada.**

Neste Boletim, e muito provavelmente nos próximos, manteremos este posicionamento. O reflexo da pandemia na Europa e em outros continentes, que

atravessam esta segunda onda, sugere um nível de distanciamento ainda maior que o atual no Brasil, ou até mesmo o *lockdown* (confinamento). Todavia, como boa parte do Território Chapadeiro já retomou a sua economia, flexibilizando medidas restritivas e aumentando a circulação dentro do próprio município ou entre aqueles que lhes são circunvizinhos, trouxemos algumas considerações realizadas pelo Farol Covid-19, amparadas pelo Guia SESI de Prevenção (2020) e pelo *Hazard Prevention and Control* (2020). As explicações que seguem podem sinalizar porque alguns municípios apresentam maior ou menor Coeficiente de Incidência, frente à condução similar de gestores locais. Podem, também, justificar a divergência de cenários futuros, previstas pelo Portal Geocovid e apresentado nos diversos gráficos abaixo.

A retomada da economia local exige uma serie de cuidados e compromissos. A maioria dos municípios do Território conta com critérios estabelecidos por decretos municipais que buscam auxiliar a reabertura de modo mais seguro, se estabelecidos em consonância com as respectivas Secretarias de Saúde. Em geral, espera-se um maior grau de segurança sanitária para amenizar riscos dos trabalhadores envolvidos segundo suas atividades: agricultura, turismo, artesanatos, comércios, extração de minerais etc (Tabela 2 – Gráfico 7), a classificação de Segurança Sanitária divide-se em 4 fases (SESI,2020 - digital, consultado em 22/12).

Tabela 2 - Fases de Classificação de segurança sanitária, Setores Econômicos e municípios associados.

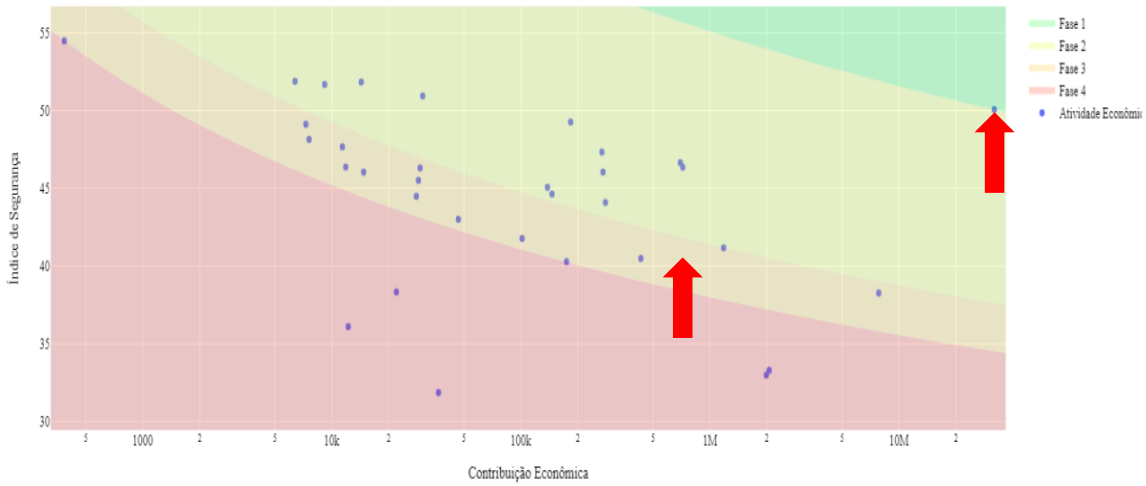
Fases	**Setor Econômico**	**Municípios associados**
Fase 1	Setor primário Agricultura e pecuária; fabricação de artefatos de couro e calçados e fabricação de produtos de minerais não-metálicos;	Novo Horizonte, Morro do Chapéu, Barra da Estiva, Ibicoara, Piatã, Seabra, Jussiape, Andaraí, Mucugê, Rio de Contas, Nova Redenção, Tapiramutá, Souto Soares, Itaeté, Utinga, Wagner, Bonito, Marcionílio Souza, Iramaia, Ibitiara, Boninal
Fase 2	Setor secundário/terciário Fabricação de produtos alimentícios; serviços profissionais, científicos e Técnicos e fabricação de veículos	Ibicoara, Piatã, Abaíra, Souto Soares, Utinga
Fase 3	Setor secundário/terciário Extração de minerais não-metálicos, fabricação de artigos do vestuário e serviços Administrativos e Auxiliares	Novo Horizonte, Seabra, Rio de Contas, Iramaia
Fase 4	Setor terciário Fabricação de produtos diversos, turismo, alojamento, comércio e (educação – todos os municípios)	Lençóis, Andaraí, Mucugê, Morro de Chapéu, Ibicoara, Seabra, Jussiape, Palmeiras, Nova Redenção, Itaeté, Piatã, Bonito.

(http://www.pe.sesi.org.br/Documents/Guia_SESI_de_prevencao_2805_2%20(1).pdf)

A classificação dessas fases auxilia na medida de controle dos riscos de exposição à Covid-19 dos trabalhadores em cada atividade econômica. No Território da Chapada, os extremos são predominantes, ou seja, tanto a fase 1, no que se refere à

agricultura e pecuária, quanto a fase 3 e 4 – Trade Turístico (Palmeiras, Lençóis, Andaraí etc) /Polo comercial (Seabra), estão em evidência (tabela 2, Gráfico 7)

Gráfico 7 – Gráfico de peso entre Segurança Sanitária e Contribuição econômica (medida da massa salarial dos setores formais e informais de cada atividade econômica)



FONTE: FarolCovid-19

Observando o gráfico anterior temos dois destaques sinalizados por setas vermelhas: O ponto na zona alaranjada diz respeitos às atividades de alojamento, predominantes em Lençóis, por exemplo; e o outro, na zona esverdeada, ao setor de Agricultura. Aqui, constatamos o que já previámos: o índice de segurança dos trabalhadores residentes em municípios que dependem da Agricultura é muito maior do que aqueles vinculados ao turismo, polo comercial ou áreas afins. Neste sentindo, as medidas de restrição em Seabra e áreas associadas à hospedagem devem atuar de modo ainda mais intensos, comparativamente.

Isto não significa, frente ao “habito de voltar para casa” todo fim de ano que, em áreas agricultoras, especialmente familiares, a atenção não deva ser redobrada, e o pedido para não vinda nas “férias” reforçada, em prol da segurança daqueles que, os que vem visitar, amam. O lema: SE VOCE ME AMA, NÃO VENHA ME VISITAR! Teria que ser, urgentemente, publicitado e exercitado.

DE CONJUNTO EM CONJUNTO – Para apoiar o planejamento

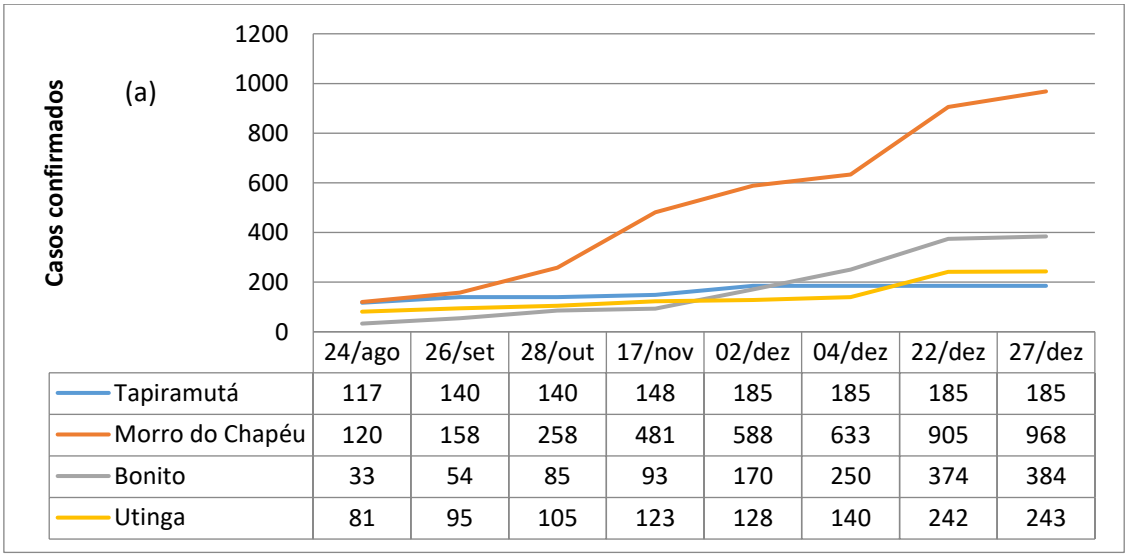
A seguir, agrupamos, pelo critério de proximidade (considerando a influência significativa da malha rodoviária) ou fase de classificação de segurança sanitária. A cada conjunto de municípios, as curvas de projeção de picos epidemiológicos atendem a previsão para o período que segue a data de Publicação deste Boletim.

Morro do Chapéu, Utinga, Tapiramutá e Bonito

Critério do agrupamento:
Posição geográfica, malha rodoviária Fase 1 classificação sanitária
Gráfico 8

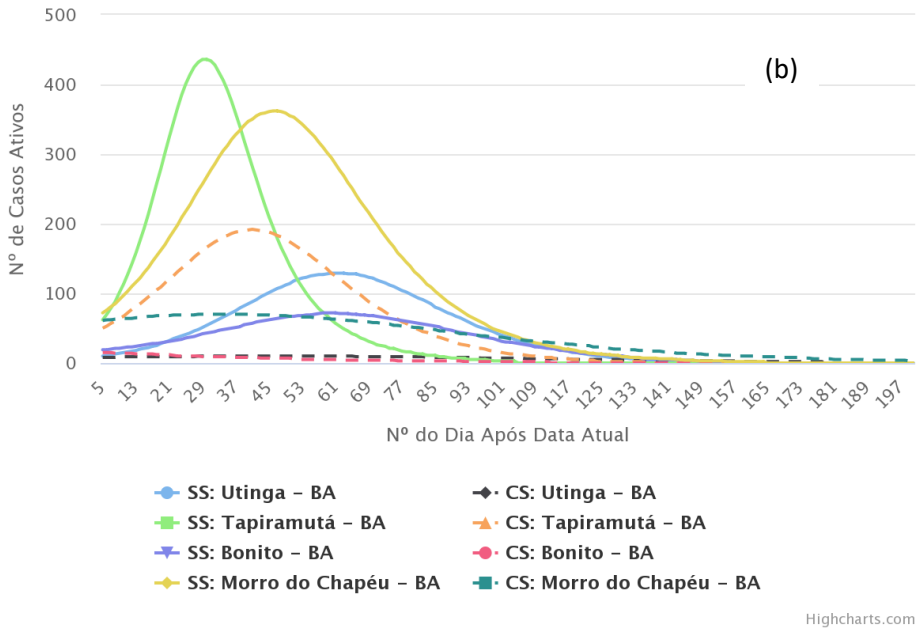
Os casos em Bonito e Tapiramutá estavam praticamente estáveis até meados de 19 de Novembro, momento em que o registro de pessoas acometidas passa a ser mais intenso. Morro de Chapéu, por outro lado, já vinha apresentando aumento contínuo; em 29 de Outubro apresenta saltos muito mais expressivos, saindo da casa de 300 para o quantitativo pouco inferior a 1000 diagnósticos positivos para COVID19. Utinga sai dos 95 casos de COVID-19 registrados, no final de Setembro, para a casa dos 243. Este município tem como limítrofes Bonito, Morro do Chapéu e Wagner, mas há uma diferença nítida quanto a variação de casos confirmados entre os três. Enquanto Morro do Chapéu tem uma intensidade de registros entre 24 de Outubro a 21 de Novembro, a curva epidêmica de Utinga se mostrou muito sutil, o que também pode ser observado em Bonito, até a primeira quinzena de Novembro.

Gráfico 8 – (a) Curvas epidêmicas de Morro do Chapéu, Utinga, Tapiramutá e Bonito a partir dos Boletins; (b) e Projeção de casos para os próximos 200 dias.



	24/ago	26/set	28/out	17/nov	02/dez	04/dez	22/dez	27/dez
Tapiramutá	117	140	140	148	185	185	185	185
Morro do Chapéu	120	158	258	481	588	633	905	968
Bonito	33	54	85	93	170	250	374	384
Utinga	81	95	105	123	128	140	242	243

Fonte: Boletins Covid-19 Chapada Diamantina 1,2,3,4 – Antunes et al, 2020



FONTE: PortalGeoCOVID

Wagner, Lençóis, Andaraí e Palmeiras

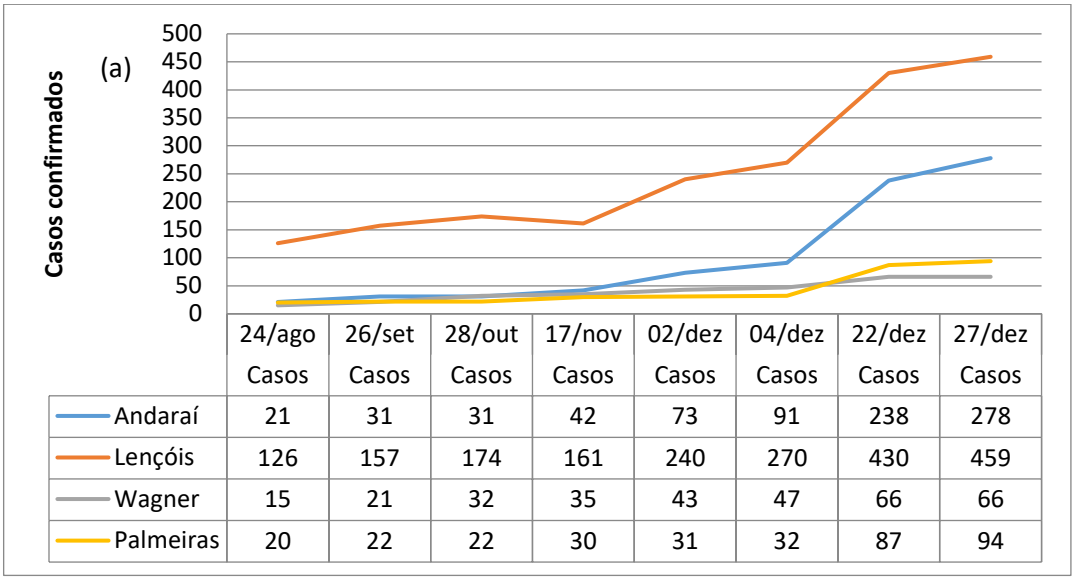
Critério de agrupamento:
posição geográfica e malha rodoviária
Fase 1 classificação sanitária: Wagner e Andaraí,
Fase 4 Classificação sanitária: Lençóis, Palmeiras e Andaraí
Gráfico 9

Em Lençóis, denúncias de uma corrente de desestímulo à testagem partindo de alguns candidatos à vereança devem ter, ação que deve ter contribuído para o baixo índice de casos durante o período eleitoral. Justo após a eleição, a curva epidêmica de Lençóis se inclina e registra um rápido aumento de casos no município.

O mesmo padrão é observado em Wagner e Andaraí, apesar de menor proporção e amplitude, no caso de Wagner explicado pela conjunção de agricultura e proximidade da BR- 242. Andaraí tem praticamente um terço da quantidade de casos em Lençóis, o que poderia ser explicado pela realização, no território lençoense, de cerca de duas vezes mais testes; e também pelo maior distanciamento entre núcleos urbanos de Andaraí e a BR-242, com ausência de linhas rodoviárias diretas. Esta situação será observada também em Mucugê, analisado em outro conjunto.

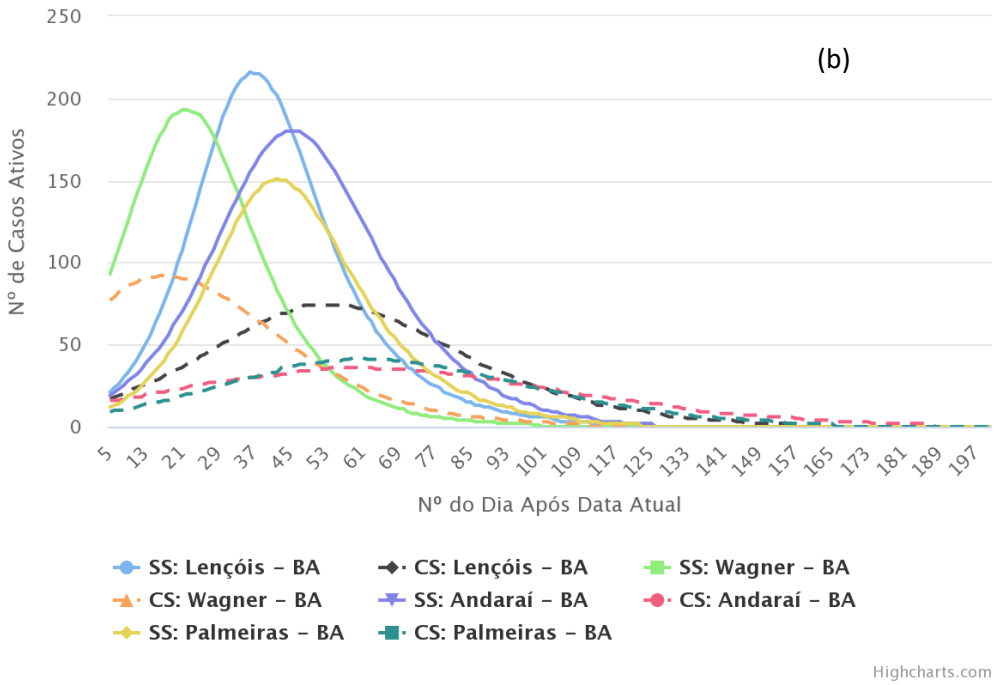
O fluxo de pessoas no processo de abertura turística em Lençóis é muito mais intenso do que em qualquer outro município, incluso Andaraí ou Palmeiras, o que pode influenciar diretamente a distinção entre estes dois municípios. Ser polo turístico é a provável explicação para o atual crescimento continuo, para além da política local.

Gráfico 9 – (a) Curvas epidêmicas de Wagner, Lençóis, Palmeiras e Andaraí a partir dos Boletins; (b) Projeção de casos para os próximos 200 dias.



	24/ago Casos	26/set Casos	28/out Casos	17/nov Casos	02/dez Casos	04/dez Casos	22/dez Casos	27/dez Casos
Andaraí	21	31	31	42	73	91	238	278
Lençóis	126	157	174	161	240	270	430	459
Wagner	15	21	32	35	43	47	66	66
Palmeiras	20	22	22	30	31	32	87	94

Fonte: Boletins Covid-19 Chapada Diamantina 1,2,3,4 – Antunes et al, 2020



FONTE: PortalGeoCOVID

Souto Soares, Iraquara e Seabra

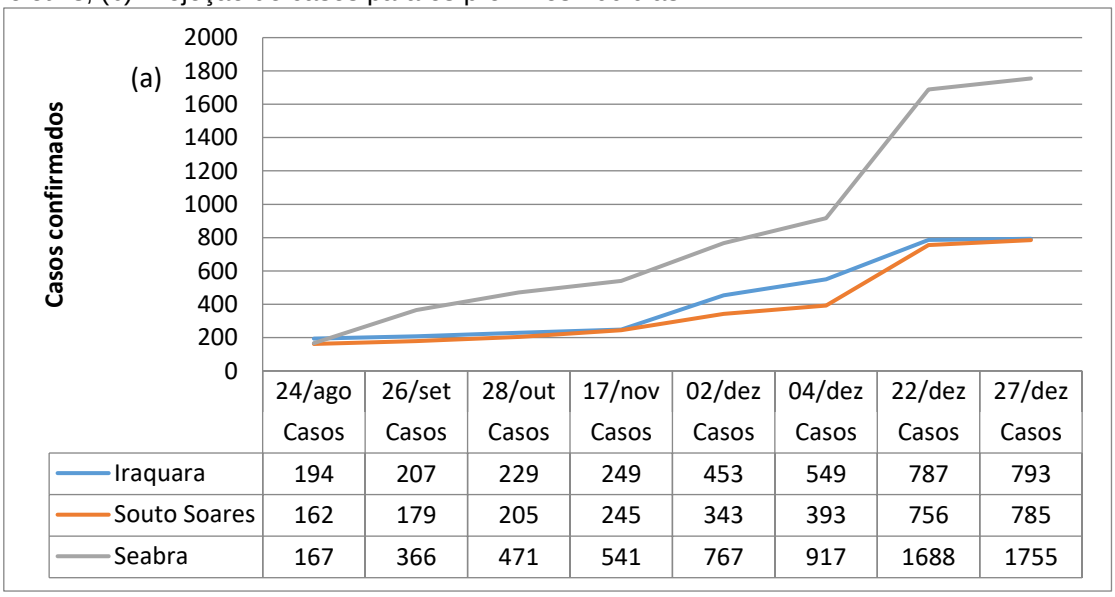
Critério de agrupamento:
Maiores índices e quantidade de casos, posição geográfica e malha rodoviária
Gráfico 10

Com Morro do Chapéu, este trio faz parte dos municípios que mais têm casos de COVID19 no Território da Chapada, são 3333 diagnósticos positivos. Seabra na liderança, com 1755 casos confirmados e mais de 500 monitorados. Segundo o FarolCovid, o ritmo de contágio (RC) tem valores máximos próximo a 2, ou seja, cada pessoa portadora do vírus pode

contagiar outras duas pessoas. Em Iraquara e Souto Soares a situação é parecida. Como o fluxo da rodovia Milton Santos (BR-242) continua intenso e deve se ampliar, incluso o transporte de cargas pesadas, estamos no pico pandêmico e vamos fundir os dois picos num único e maior, ou a previsão do pico epidêmico da segunda onda está próxima. Em ambos os casos há aceleração, com o aumento de compras e viagens no período natalino, e o pico tende a Janeiro.

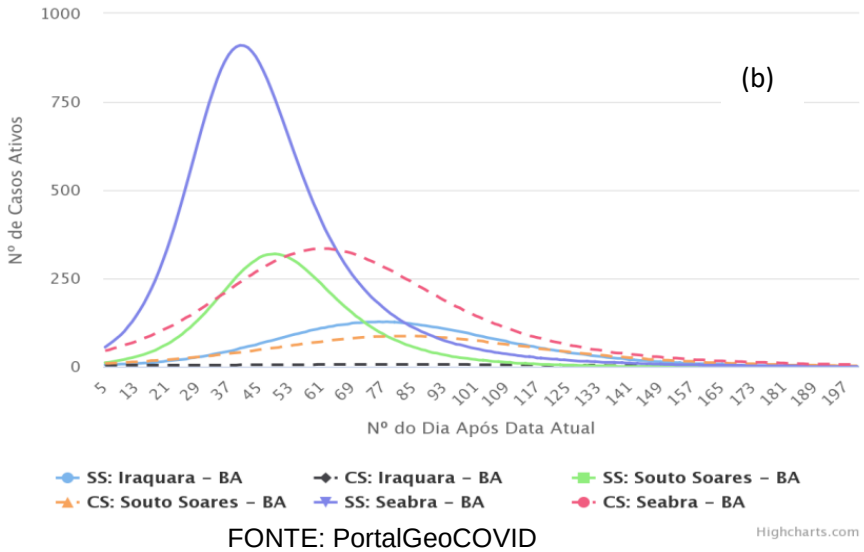
Segundo a SESAB, até o final do mês de Novembro, o Hospital da Chapada, alocado em Iraquara, teve 25% dos seus leitos clínicos ocupados. Já o Hospital Regional da Chapada, em Seabra, possui 30% de ocupação, e atende não somente o Território, mas outras localidades que já estão saturadas ou sobrecarregadas, como a região de Irecê.

Gráfico 10 – (a) Curvas epidêmicas de Souto Soares, Iraquara e Seabra com base nos Boletins; (b) Projeção de casos para os próximos 200 dias.



	24/ago Casos	26/set Casos	28/out Casos	17/nov Casos	02/dez Casos	04/dez Casos	22/dez Casos	27/dez Casos
Iraquara	194	207	229	249	453	549	787	793
Souto Soares	162	179	205	245	343	393	756	785
Seabra	167	366	471	541	767	917	1688	1755

Fonte: Boletins Covid-19 Chapada Diamantina 1,2,3,4 – Antunes et al, 2020



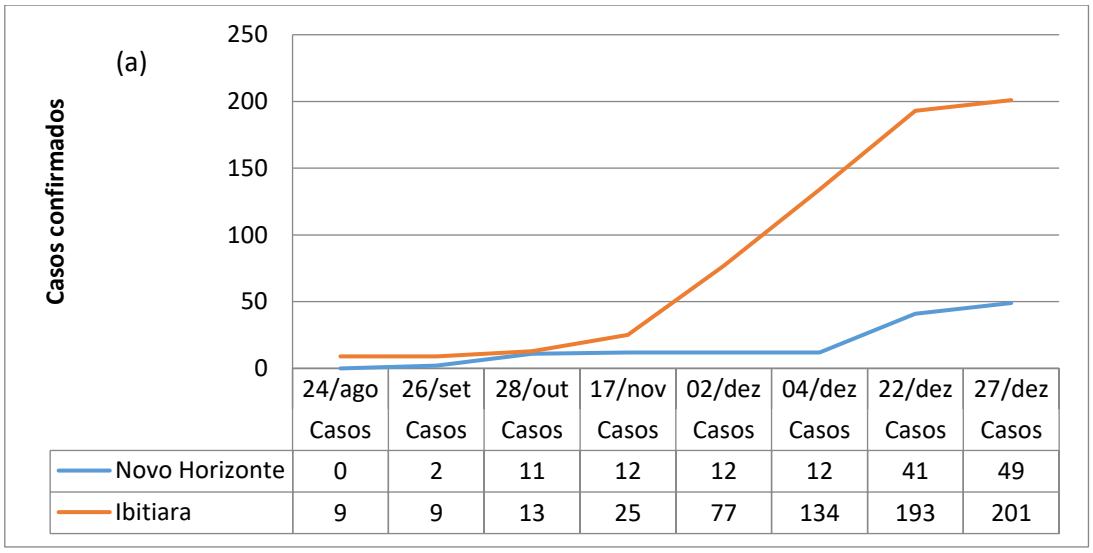
FONTE: PortalGeoCOVID

Ibitiara e Novo Horizonte

Critério de agrupamento:
Fase 1 de segurança sanitária, tendo Novo Horizonte Fase 3
Posição geográfica e malha rodoviária
Gráfico 11

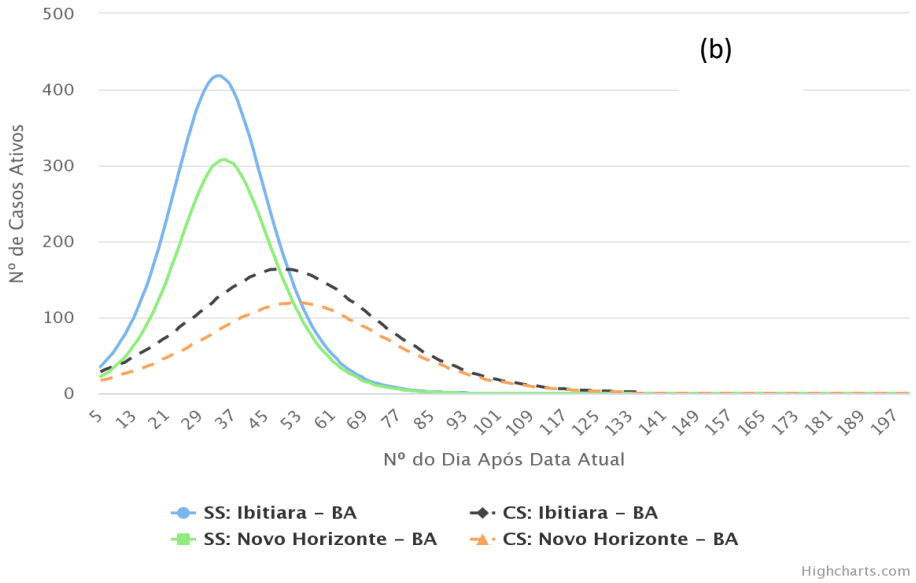
Novo Horizonte continua sendo o município com menor incidência de COVID19 no Território, o que está diretamente associado ao tempo em que o vírus chega à cidade. Mas, além disso, as respostas dadas pela gestão são mais restritivas que a sua vizinhança, facilitada, inclusive, pela menor quantidade de habitantes. A testagem desses dois lugares aumenta progressivamente. Ao passo em que Novo Horizonte possui o incremento de 28 casos confirmados, durante e após o período eleitoral, Ibitiara registra um aumento superior a 100% nos últimos 15 dias.

Gráfico11 – (a) Curvas epidêmicas Ibitiara e N.Horizonte; (b) Projeção de casos para 200 dias.



	24/ago Casos	26/set Casos	28/out Casos	17/nov Casos	02/dez Casos	04/dez Casos	22/dez Casos	27/dez Casos
Novo Horizonte	0	2	11	12	12	12	41	49
Ibitiara	9	9	13	25	77	134	193	201

Fonte: Boletins Covid-19 Chapada Diamantina 1,2,3,4 – Antunes et al, 2020



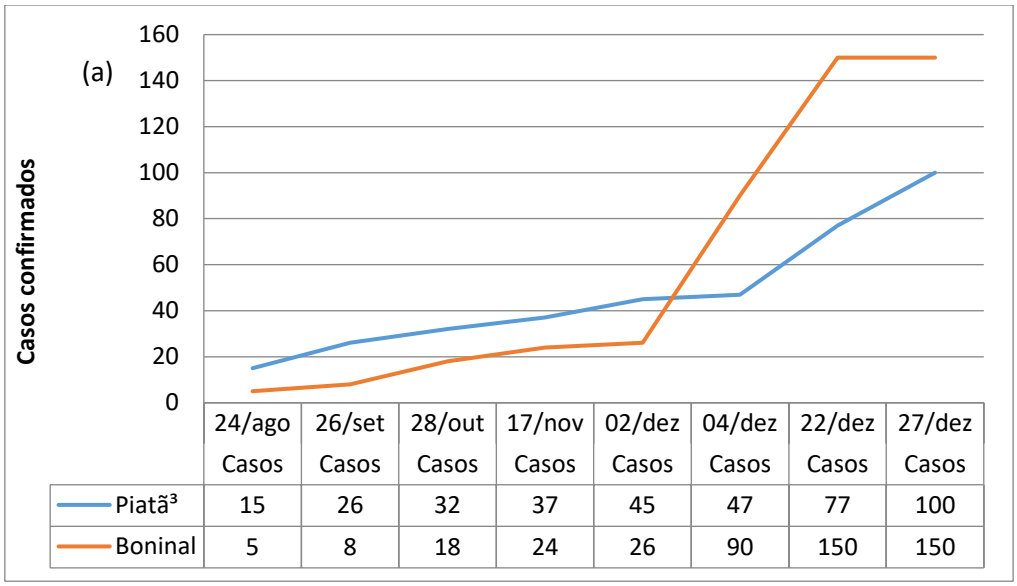
FONTE: PortalGeoCOVID

Boninal e Piatã

Critério de agrupamento:
Fase 1 de segurança sanitária, Piatã Fase 3
posição geográfica e malha rodoviária
Gráfico 12

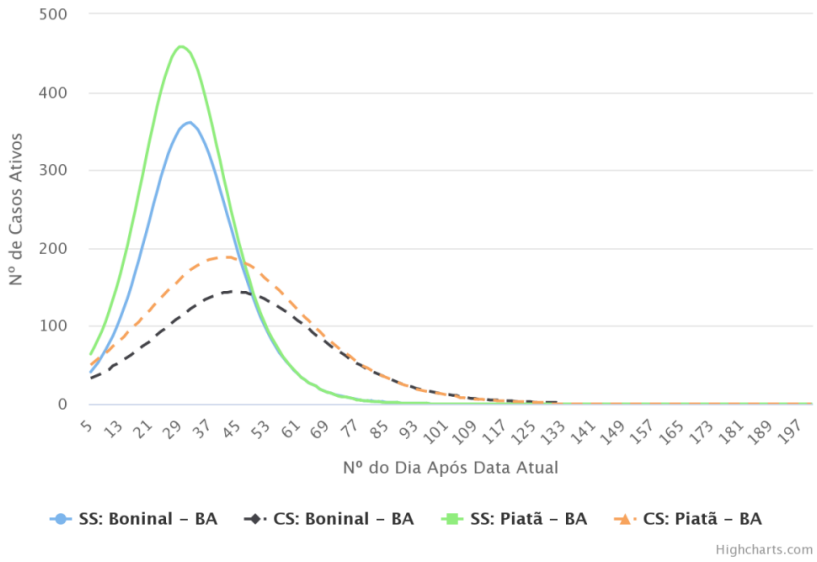
Em 24/11, Boninal registrava apenas 24 casos de COVID19; hoje, notifica 150 diagnósticos positivos. A sua curva epidêmica cresce de modo acelerado, sendo também acompanhada da testagem em massa, com números mais expressivos do que o período que antecedeu 15 de Novembro. O crescimento de casos data, de 31 de Outubro, a ocorrência de transmissão do vírus data, portanto, até os 14 dias anteriores. Piatã, por outro lado, cresce lentamente, com o incremento de 36 diagnósticos nos últimos 15 dias. Ambos são municípios de domínio da agricultura familiar e tem previsão alinhada (Graf.12b).

Gráfico 12 – (a) Curvas epidêmicas de Boninal e Piatã; (b) Projeção de casos para 200 dias.



	24/ago Casos	26/set Casos	28/out Casos	17/nov Casos	02/dez Casos	04/dez Casos	22/dez Casos	27/dez Casos
Piatã[3]	15	26	32	37	45	47	77	100
Boninal	5	8	18	24	26	90	150	150

Fonte: Boletins Covid-19 Chapada Diamantina 1,2,3,4 – Antunes et al, 2020



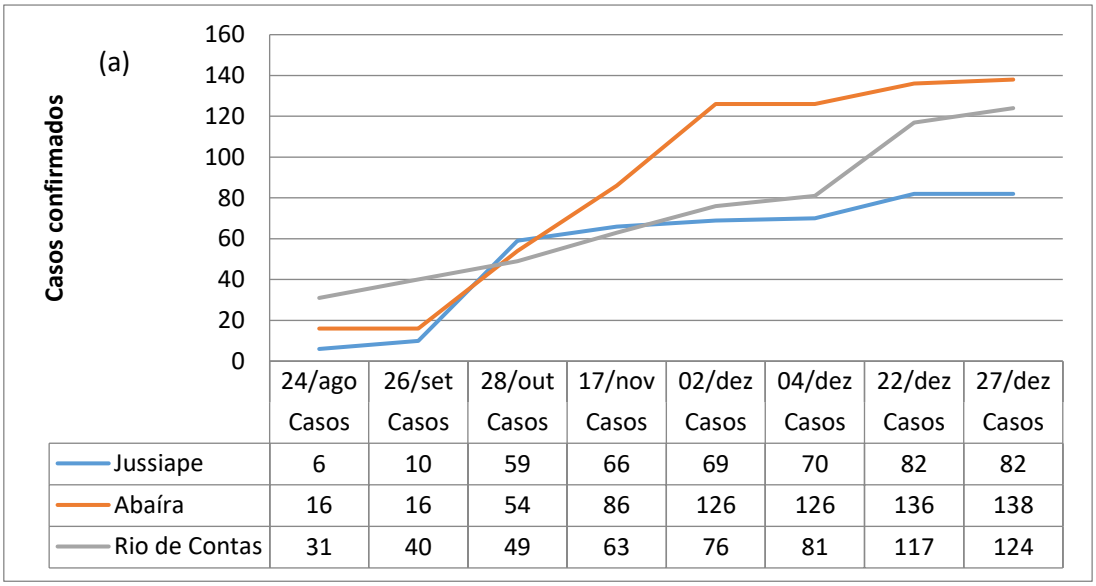
FONTE: PortalGeoCOVID

Abaíra, Jussiape e Rio de Contas

Critério de agrupamento: Fase 1 de segurança sanitária, posição geográfica e malha rodoviária Gráfico 13

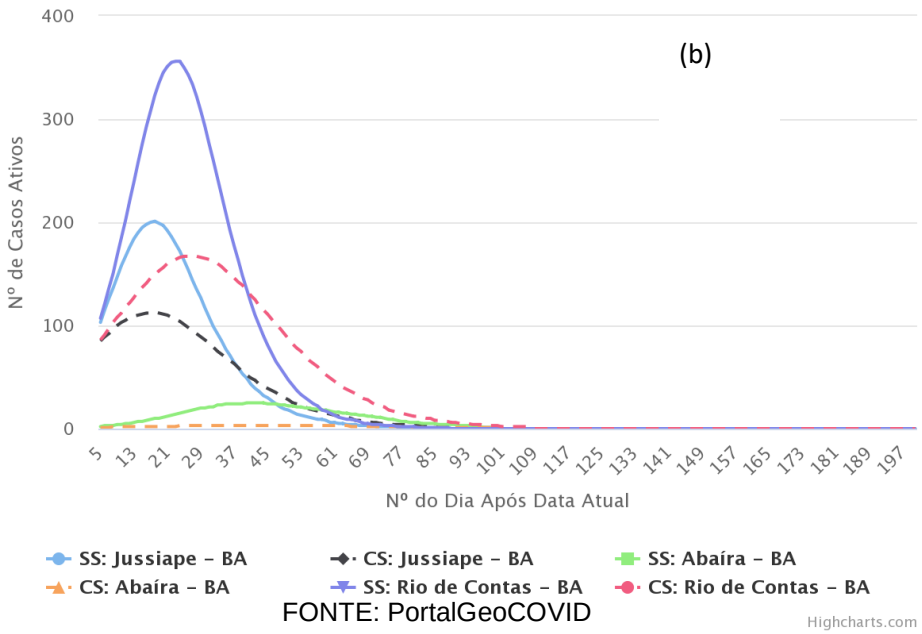
Esta porção do Território da Chapada Diamantina se aproxima de Brumado e Vitória da Conquista, dois municípios com elevadas incidências de COVID19 na Bahia. Eles podem impactar no aumento de casos no Território por intermédio da BA-148, BA-262 e BA-142. No período pós eleitoral, Abaíra, Jussiape e Rio de Contas registraram aumento quinzenal de casos confirmados: 138, 82 e 124, respectivamente, os efeitos proximidade Brumado e Vitoria da Conquista e "férias" podem alterar o quadro de picos síncronos em janeiro.

Gráfico 13 – (a) Destaque das curvas epidêmicas de Abaíra, Jussiape e Rio de Contas; (b) Projeção de casos para os próximos 200 dias, m.ostra picos síncronos no próximo mês.



	24/ago Casos	26/set Casos	28/out Casos	17/nov Casos	02/dez Casos	04/dez Casos	22/dez Casos	27/dez Casos
Jussiape	6	10	59	66	69	70	82	82
Abaíra	16	16	54	86	126	126	136	138
Rio de Contas	31	40	49	63	76	81	117	124

Fonte: Boletins Covid-19 Chapada Diamantina 1,2,3,4 – Antunes et al, 2020



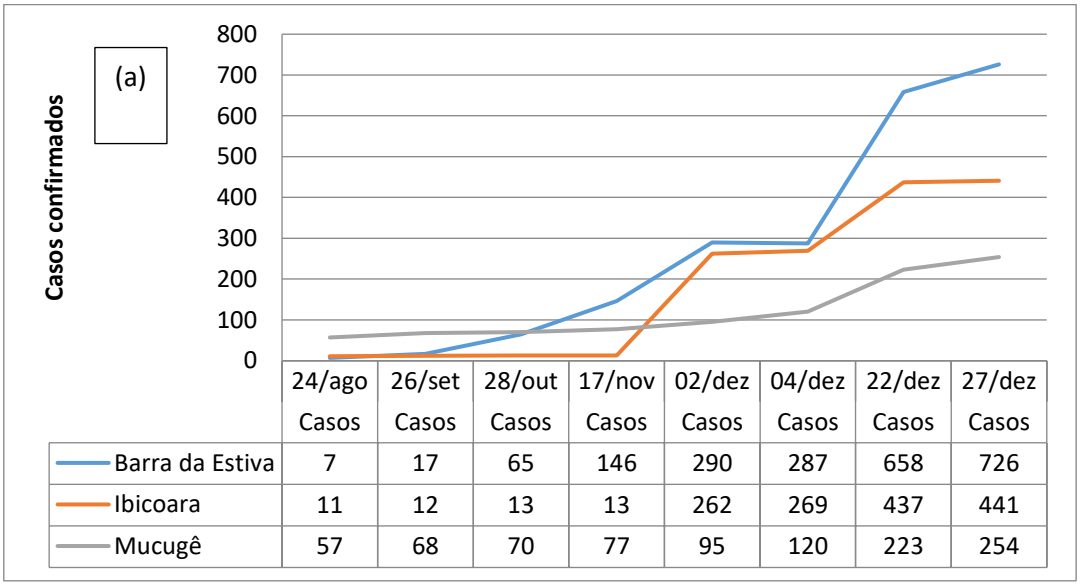
FONTE: PortalGeoCOVID

Mucugê, Ibicoara e Barra da Estiva

Critério de agrupamento:
Fase 1 e 4 de segurança sanitária,
Posição geográfica e malha rodoviária
Gráfico 14

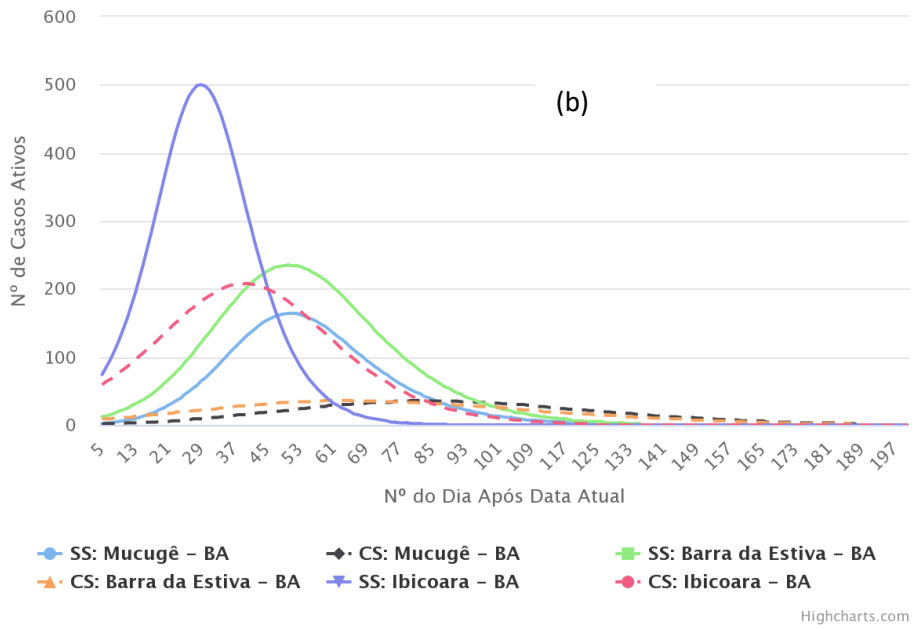
Ibicoara têm uma das curvas mais ascendentes do Território, o que indica o maior incremento regional de casos de COVID19 desde 26 de Setembro. Com 441 casos confirmados, Ibicoara possui o aumento de mais de 100% nas duas últimas semanas, acompanhado do aumento de 24% de testes rápidos. Barra da Estiva apresenta curva epidêmica similar, talvez produto da interação intermunicipal. Enquanto Mucugê registra subidas progressivas, talvez decorrentes de sua estrutura social e turismo mais elitizado.

Gráfico 14 – (a) Destaque das curvas epidêmicas de Mucugê, Ibicoara e Barra da Estiva; (b) e Projeção de casos para os próximos 200 dias.



	24/ago Casos	26/set Casos	28/out Casos	17/nov Casos	02/dez Casos	04/dez Casos	22/dez Casos	27/dez Casos
Barra da Estiva	7	17	65	146	290	287	658	726
Ibicoara	11	12	13	13	262	269	437	441
Mucugê	57	68	70	77	95	120	223	254

Fonte: Boletins Covid-19 Chapada Diamantina 1,2,3,4 – Antunes et al, 2020



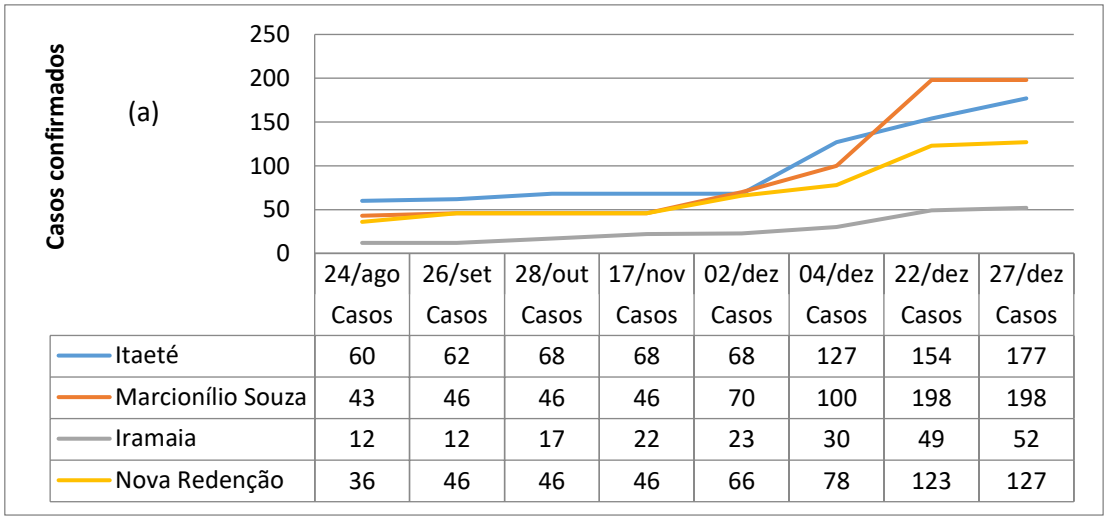
FONTE: PortalGeoCOVID

Itaeté, Nova Redenção, Marcionílio Souza e Iramaia (Andaraí)

Critério de agrupamento:
Fase 1 de segurança sanitária
Posição geográfica e malha rodoviária
Gráfico15

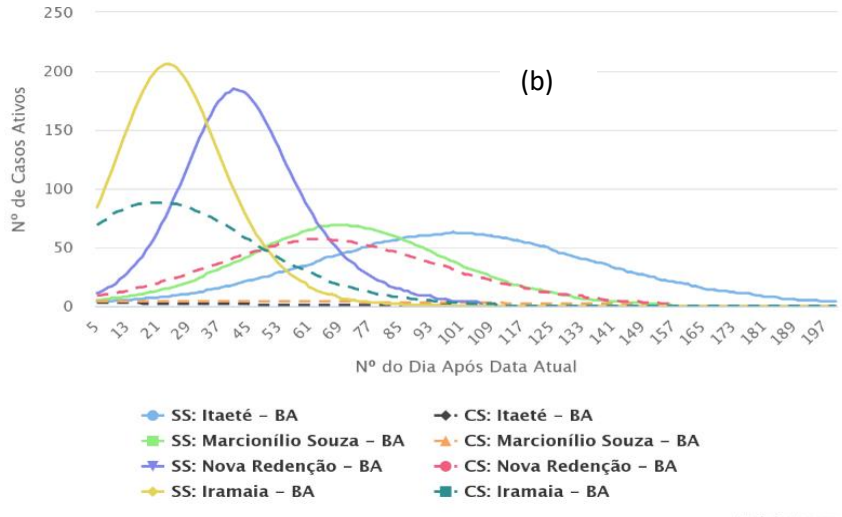
Este conjunto é a porção leste do Território, próximo a Itaberaba e Jequié, cidades de alta incidência de COVID19 que podem impactar na quantidade de casos. Itaeté já mostra este efeito com 2,5% do total de diagnósticos positivos na Chapada, Marcionílio Souza e Iramaia possuem mais testes realizados aumentando a confiabilidade dos seus números que são menores. Neste conjunto Nova Redenção sofre influência e se associa a Andaraí (Gráfico 9), são municípios limítrofes, que tiveram casos aumentados na mesma proporção. Essa característica reforça ser contato estabelecido com Lençóis, a Norte, pela (BR-242), o que promove, fortemente para este conjunto o efeito da circulação turística (Fase 4) e aponta possível reenquadramento de Andaraí, destacando efeito importante de Fase 1 (Agropecuária).

Gráfico 15 – (a) Curvas epidêmicas de Itaeté, Marcionílio Souza, Nova Redenção e Iramaia; que sugere-se sejam comparadas com Andaraí(gráfico 9); (b) Projeção de casos para 200 dias.



	24/ago Casos	26/set Casos	28/out Casos	17/nov Casos	02/dez Casos	04/dez Casos	22/dez Casos	27/dez Casos
Itaeté	60	62	68	68	68	127	154	177
Marcionílio Souza	43	46	46	46	70	100	198	198
Iramaia	12	12	17	22	23	30	49	52
Nova Redenção	36	46	46	46	66	78	123	127

Fonte: Boletins Covid-19 Chapada Diamantina 1,2,3,4 – Antunes et al, 2020



FONTE: PortalGeoCOVID

Considerações finais : MAS... POR ONDE VAMOS?

Se associarmos a previsão das curvas de projeção (Gráficos 8 a 15) com (CS) e sem supressão de fluxo (SS) - apoiadas majoritariamente na efetividade do distanciamento físico entre as pessoas, principal dado para projeção - com o exposto **na análise de fases** da tabela 2 e do Gráfico 7, podemos compreender melhor o que se passa em cada lugar, e a influência que os municípios limítrofes exercem entre si.

As variações econômicas e a posição em diferentes fases, ocupando pontas do Gráfico 7, podem justificar as estatísticas diferenciadas ou similares ocorridas entre municípios com realidades diferentes, a exemplo de Itaeté e Lençóis ou Wagner e Seabra, ou ainda Andaraí e Novo Horizonte.

Itaeté e Wagner, por exemplo, têm como base econômica as atividades da Fase 1, o risco de exposição à Covid-19 dos trabalhadores é inferior àquele de Seabra e Lençóis, que lidam com um contato físico ainda mais intenso e corriqueiro. Já Andarai, e Nova Redenção apresentam a necessidade de múltiplas abordagens de acordo com a aparente diversidade das suas atividades econômicas.

Na Figura 1, vemos que quanto maior a hierarquia, menor a capacidade de supervisão e execução exigida do empregador; por isso, a primeira pergunta continua sendo “quem pode ficar em casa?” Bem diferente de “quem deve ficar em casa ?” fortemente epidemiológica. Nenhuma delas dando conta de “quem é obrigado a sair de casa e trabalhar?” Associada ao como proteger-se já que não se tem os diversos privilégios daqueles que podem ficar em casa.

Figura 1 – Efetividade da hierarquia de controle no ambiente de trabalho

FONTE: Hierarchy of Controls (2020)

Além disso, percebemos que treinar coordenadores, supervisores,pessoas - para garantir o alinhamento institucional e o cumprimento de protocolos foge muito mais do controle do que as medidas de higiene no campo ou em locais por ele amparados, a exemplo das Zonas Rurais e de todos os municípios da Fase 1 (Setor primário, Tabela 2). A fase 4, por sua vez, agrupa os municípios com maior quantidade de casos e incidência de COVID-19, o que pode estar associado a um quadro econômico de menor segurança sanitária, vinculado a serviços e lazer.

Utilizando o quadro esquemático da figura 1, esperamos que os empregadores, gestores, receptores e turistas possam, escolher seus EPI´s de acordo com sua realidade. Oferecer aos trabalhadores sobre sua responsabilidade orientações de uso correto e de eliminação de riscos desnecessários, seja deixando de fazer algo, como por exemplo beber com visitantes que esta guiando, ou substituindo procedimentos e estabelecendo protocolos cada vez em escalas menores, como o uso do apito para chamar para saída, de coletes luminosos para rápida visualização, caminhões de busca de produtos da agricultura que recolham na cancela do produtor, com comprovação eletrônica de deposito, etc. Com certeza, cada leitor deste Boletim enriquecera esta lista e esperamos, compartilhem suas ideias.

Antes das eleições, os altos e baixos de casos confirmados comprovaram o frágil equilíbrio que vivemos com a COVID-19, demonstrando forte relação entre as ações realizadas por gestores municipais e estaduais, em nossas regiões, e os resultados obtidos, para proteção ou desproteção da população. Após 15 de Novembro, todos os municípios, com exceção de Iramaia, Palmeiras e Jussiape, tiveram aumentos expressivos na curva epidêmica.

A pandemia se agrava no Território da Chapada Diamantina, e os números mostram alta na média móvel de novos casos em cada local. Em Seabra, a média semanal chega a 23 casos por dia, a mais elevada que, até então, temos conhecimento. Depois de um breve respiro, com alívio em Setembro e Outubro, mascarados pela baixa testagem iniciada em meados de outubro, os picos deixam 80% dos leitos de UTIs ocupados no Hospital Regional da Chapada (Seabra) e 85% dos leitos de UTIs ocupados no Hospital da Chapada (Itaberaba). Os hospitais destes municípios também prestam suporte para os demais municípios do Estado, em caso de saturação ou ocupação máxima.

Os saltos assustam, ultrapassamos os 300% mensal de aumento de casos, com um contagio acima de três para cada caso confirmado. Vemos ocorrendo o que tristemente pontuávamos nos Papos Covid na Chapada (Canal YouTube TV UNEB Seabra, entre maio a dezembro/2020 – em recesso), especialmente de outubro ate dezembro.

A situação chama a responsabilidades legisladores, gestores, candidatos, população, que optou por decretar suspensão da Pandemia, trocando-a pelas eleições. O efeito desta decisão está escancarado, e não permite a negação, apenas compartilhamento da responsabilidade, ela nos fez perder a possibilidade de “recesso” ou pausa pandêmica vivida na Europa e Oriente, voltamos ao topo. No caso da Chapada chegamos aos picos, com as ondas, aparentemente, somando-se.

Por isso, diante da infraestrutura reduzida que temos para recorrer, espera-se que o distanciamento físico e social retorne com maiores cuidados. Como as cidades que pertencem ao Trade Turístico ainda estão abertas e, até o momento, não há previsão, nem proposta de novas restrições de acesso, **as etiquetas de higiene devem ser executadas com extrema observância e de forma obrigatória.**

Neste período próximo à virada de ano, que, por tradição, conta com o retorno de entes familiares para comemoração de festejos e apreciação turística na Chapada, mais uma vez, aconselhamos evitar aglomerações.Se não te convencemos ou, você decidiu encontrar familiares e amigos, reduza ao máximo os riscos, pense em quem você ama, pense nos outros. Arriscar a sua vida nem sempre é decisão sua, mas proteger a dos outros sempre é possível a partir de atitudes simples como: reúna pequeno(s) número(s), observe os cuidados de higiene e o uso de mascaras, busque para suas reuniões ambientes abertos e ventilados. Não se aproxime, não toque, nem abrace aqueles que não estão no convívio direto, constante e domiciliar com você.

Estamos em recesso e voltaremos entre janeiro e fevereiro, depois da retomada do Papo Covid na Chapada. Mas nos colocamos a disposição dos novos gestores e suas equipes de trabalho para dialogar e esclarecer, dentro dos nossos limites - tentarmos refletir sobre como conter, até que a(s) vacina(s), sejam efetivas e tenha sido realizada a Campanha de Vacinação completa - através do e-mail covid19municipio@uefs.br, do site ou Instagram do CACD, do Canal Youtube OLHARES, do Campus Avançado da Chapada Diamantina.

DESEJAMOS QUE O DURO APRENDIZADO DE 2020, SEJA UTILIZADO PARA FAZER 2021 MELHOR, NÃO SERÁ FACIL RETORNAR, NEM RETOMAREMOS DE ONDE PARAMOS.

O Campus Avançado da Chapada Diamantina - CACD E PARCEIROS, DAS EQUIPES DESTE BOLETIM, DO PAPO COVID NA CHAPADA E DO www.covid19municipios.uefs.br SE COMPROMETE A CONTINUAR, AO LADO, DA POPULAÇÃO CHAPADEIRA !

QUE VENHA 2021!

Créditos:

Coordenação e Edição: Marjorie Cseko Nolasco [1,2,3,4,5]*, Quíssila Gois Antunes*[1,2,3,5]
Apoio Mapas e Gráficos[1,4]*: Anais* Del Jesús González Guillén*, Gladys* Gregoria Pantoja Flores, *Nilmara Saturnino de Souza*
Computação Gráfica- Site: Lucas Miranda [5,6]
Divulgação[7,8]*: Gislene Moreira*[3]*, Diosvaldo Pereira Novais Filho, Renata Lourenço, Daniel Felipe de Jesus Souza, Joselisa Chaves* [1,3,4,5,9]

[1] – Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS
[2] – Campus Avançado da Chapada Diamantina – CACD UEFS
[3] – Mestrado Profissional em Rede Nacional de Ensino em Ciências Ambientais – PROFCIAMB
[4] – Programa de Pós Graduação em Modelagem em Ciências da Terra e do Ambiente – PPGM
[5] _ Projeto Covid19Municipios
[6] – Bocapio
[7] – Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus XXVIII – Seabra
[8] – Núcleo de Comunicação – NUCOM/TV UNEB Seabra – Papo COVID na Chapada
[9] – Portal GeoCOVID - UEFS

Atenção: A bibliografia utilizada se encontra indicada no inicio do Boletim e ao longo do seu desenrolar, envolvendo dados já publicados em outros números.